

*Colisão Presidencial***COISAS DA POLÍTICA** ■ MAURÍCIO DIAS

Processo da sucessão já ganha ritmo

Os mineiros — mestres de lendas e outros mistérios da vida política brasileira — costumam aconselhar o viajante a esperar o trem na estação para não perder a hora. Mas são os paulistas — e não os mineiros — que, percebendo a sinalização do processo político, foram para a plataforma de embarque para não perderem o comboio da sucessão presidencial que está partindo mais cedo. O prefeito Paulo Maluf é um deles. Na avaliação dos precavidos comandantes do PFL, o novo partido que está nascendo da fusão do PPR e PP e, talvez mais tarde, o PTB, foi criado para negociar a sucessão ou mesmo a reeleição de Fernando Henrique Cardoso. Por sinal, teria sido este o destaque da conversa de Maluf com o senador Antônio Carlos Magalhães e o depu-

tados Luís Eduardo Magalhães, presidente da Câmara, antes que o prefeito sapecasse o anúncio oficial da nova agremiação partidária.

Embora tenha nascido com a esperança de tornar-se a terceira força partidária no Congresso, este propósito do novo partido pode frustrar-se. O PTB adiou sua adesão até que, em Convenção Nacional, uma maioria confirme a decisão de fundir o PTB ao PPR e ao PP. Até lá fica valendo o veto imposto pelas resistências internas: Hélio Costa, em Minas Gerais, Joaquim Roriz e o senador José Roberto Arruda, no Distrito Federal, além de deputados, prefeitos e vereadores espalhados pelo país.

O porto de chegada deste projeto parece ser mesmo o da sucessão de 1998, embora tudo não passe, é claro, dos primeiros movimentos. Mas o prefeito paulista não foi o primeiro a tentar embarcar na viagem da sucessão. Antes dele, o próprio presidente Fernando Henrique Cardoso — pela voz de uma auxiliar influente — postou-se como aspirante à reeleição. “É uma questão de justiça”, vem repetindo o tonitroante ministro Sérgio Motta, diante da pergunta que mais responde ultimamente. O mandato de quatro anos, considerado um período muito curto, foi uma

anomalia de constituintes que, às vésperas da eleição de 1989, temiam a vitória de Lula.

De qualquer maneira, Motta surpreendeu o mundo político quando, recentemente, jogou o assunto na rua indiferente ao fato de integrar um governo que, com sete meses de existência, dá apenas os primeiros passos.

Por que tão cedo? Durante um almoço de repartição pública que, devido à dieta do ministro, transformou-se quase em ato de fê trapista para os convidados, Motta explicou que sua decisão obedeceu à “necessidade de ocupar espaços para inibir o próprio processo sucessório”. O presidente, em particular, torceu o nariz para o ministro e prometeu não mexer uma vírgula em favor do projeto de reeleição que tramita no Congresso. Comenta-se que Fernando Henrique — de olho no desgaste dos socialistas espanhóis depois de 12 anos de poder — receia deparar-se, em algum momento, com o declive do seu prestígio.

A avaliação de Sérgio Motta foi premonitória. Ou, em outra hipótese, ele já estava informado da gestação do novo partido, que deve emergir com uma bancada de, aproximadamente, 90 deputados. Maluf já declarou que apóia o projeto de reeleição. Mas apenas para “os sucessores do

atual presidente”. A empáfia política do prefeito paulista é calcada na suposição de que, se vier a comandar o maior partido do país, vai se tornar um candidato natural à Presidência.

Maluf se engana se estiver pensando que tamanho é o melhor documento da corrida presidencial. O ex-ministro Raphael de Almeida Magalhães, um dos pontífices do *staff* que orientava a frustrada candidatura de Ulysses Guimarães, em 1989, costuma lembrar, ao analisar a sucessão daquele ano, que Ulysses foi traído pela ilusão do tamanho físico do PMDB. A média percentual de 4 pontos indicada pelas pesquisas de opinião gerava indignação em Ulysses: “Não é possível”, duvida ele. E apresentava um argumento aritmético para respaldar seu ceticismo: “Temos milhares de vereadores, prefeitos, governadores e um número muito maior de filiações que os outros partidos. Isto não dá votos?”

“Não necessariamente”, respondia Raphael. A televisão e outros instrumentos de ação numa sociedade de massas tinham mudado a lógica eleitoral. Ulysses não percebia. Maluf parece que também não percebeu. Ulysses, afinal, ficou com menos de 4% dos votos no fim da disputa que encerrou, de forma melancólica, uma trajetória política brilhante.